

FES.

LETTER SWEET Z



NESTA EDIÇÃO:

A HISTERESE, OS EFEITOS DURADOUROS DOS CHOQUES,
E AS IMPLICAÇÕES PARA A POLÍTICA ECONÓMICA

O FIM DA RESILIÊNCIA RUSSA?

O *DECOUPLING* ENTRE O CRESCIMENTO ECONÓMICO E A VALORIZAÇÃO DOS ATIVOS

ECONOMIA & HISTÓRIA - A EVOLUÇÃO DO SETOR TÊXTIL

CONCEITO ECONÓMICO - ESPECULAÇÃO

CONCEITO ECONÓMICO - DEPENDÊNCIA DE TRAJETÓRIA

SUGESTÃO DE LEITURA - CONVERSA N'A CATEDRAL

ACONTECIMENTOS DO MÊS



FES
FEP
ECONOMICS
SOCIETY

@FEPECONOMICSOCIETY

FOLLOW US AT:

INSTAGRAM
@FEPECONOMICSOCIETY
TIKTOK
@FEPECONOMICSOCIETY
LINKEDIN
@FEP ECONOMICS SOCIETY

@FEPECONOMICSOCIETY

NOVEMBRO
2025
VOL. XX

@FEPECONOMICSOCIETY

EM MEMÓRIA DA
NOSSA QUERIDA
SS

A HISTERESE, OS EFEITOS DURADOUROS DOS CHOQUES, E AS IMPLICAÇÕES PARA A POLÍTICA ECONÓMICA

1. A EVIDÊNCIA DA EXISTÊNCIA DE HISTERESE NA DINÂMICA DO DESEMPREGO, EMPREGO E INVESTIMENTO

A existência de histerese [1] na dinâmica do emprego, desemprego e investimento constitui hoje um facto empírico amplamente documentado. **Choques negativos mesmo que temporários, incluindo aqueles resultantes de políticas macroeconómicas restritivas, podem gerar efeitos duradouros sobre variáveis fundamentais da economia, contrariando a ideia de que esta regressa rápida e automaticamente ao seu nível 'natural' ou de 'equilíbrio', supostamente determinado unicamente por fatores do lado da oferta.**

Edmund Phelps foi um dos primeiros economistas a reconhecer que a taxa de desemprego de equilíbrio não depende apenas de fatores estruturais, como o crescimento populacional, o progresso tecnológico ou flexibilidade dos mercados incluindo o de trabalho, mas também do desemprego corrente, o mesmo é dizer, de fatores associados ao lado da procura. Em termos técnicos, a histerese implica que a trajetória histórica do desemprego influencia o seu nível futuro de equilíbrio, desafiando a visão neoclássica de que este tende sempre a regressar a um ponto pré-determinado.

O conceito de histerese ganhou destaque na explicação da persistência do desemprego nos países da OCDE durante os anos 1970, resultado de choques adversos de oferta, como os choques petrolíferos de 1973 e 1979, a deterioração dos termos de troca e a redução da procura de trabalho induzida por mudanças tecnológicas favoráveis ao capital. Nos anos 1980, uma segunda vaga de choques, desta vez do lado da procura, inerentes à adoção de políticas monetárias fortemente restritivas por parte de muitos países da OCDE, com o objetivo de controlar a inflação, e à implementação de políticas orçamentais mais restritivas, orientadas para a redução dos défices orçamentais. A taxa de desemprego deixou, assim, de

[1] Histerese é um conceito definido de forma pioneira no campo da física do magnetismo (usado pela primeira vez pelo físico escocês James Alfred Ewing em 1881), caracterizando-se como a propriedade de um sistema input-output em que choques temporários originam efeitos permanentes.



PAULO MOTA
PROFESSOR DA FACULDADE DE ECONOMIA DO PORTO

convergir para um valor de equilíbrio pré-determinado, sendo, pelo contrário, a taxa de desemprego observada a influenciar e a elevar o próprio desemprego de equilíbrio. **Em consequência, as flutuações do desemprego de natureza cíclica transformaram-se rapidamente em desemprego estrutural.** O conceito de histerese voltou a ganhar destaque no debate económico na sequência da lenta recuperação de muitas economias desenvolvidas após a mais recente crise financeira global iniciada em 2007. A gravidade e a duração dos efeitos desta crise evidenciaram que choques negativos de grande dimensão podem deixar marcas permanentes na trajetória de crescimento económico, afetando não apenas o emprego e o capital humano, mas também o investimento e a própria capacidade produtiva das economias. Um exemplo ilustrativo é o caso português: **o PIB real e a taxa de desemprego em Portugal apenas regressaram aos níveis anteriores à crise no quarto trimestre de 2017, isto é, cerca de uma década após o início da crise financeira.**

2. OS MECANISMOS EXPLICATIVOS DA EXISTÊNCIA DE HISTERESE

Uma das explicações mais promissoras reside na evidência empírica robusta que demonstra que o **investimento em investigação e desenvolvimento (I&D)** por parte das empresas privadas, bem como a difusão e adoção de novas tecnologias, apresentam um comportamento fortemente pró-cíclico, i.e., tende a **intensificar-se durante as fases de expansão económica e a retrair-se significativamente em períodos de recessão.** Esta contração compromete a introdução de novas tecnologias, o aumento da produtividade e afeta o crescimento económico de longo prazo. Esta dinâmica torna-se particularmente perversa quando os governos, em resposta às recessões, reduzem eles próprios o investimento público na educação, ciência, inovação e tecnologia; precisamente os setores que mais poderiam contribuir para uma recuperação sustentada.

Do lado da procura de trabalho, outro fator importante relaciona-se com a presença de custos fixos de ajustamento do fator trabalho, como parte dos custos associados aos despedimentos enfrentados pelas empresas.

Estes custos interagem frequentemente com os custos irrecuperáveis (*sunk costs*) associados ao investimento em capital físico, como veículos, equipamentos informáticos ou maquinaria, cujo valor de revenda é, regra geral, muito inferior ao custo de aquisição. A conjugação destes dois tipos de custos gera fenómenos de histerese tanto a dinâmica do emprego como na do investimento. Note-se, que a importância dos custos irrecuperáveis é ainda maior no caso do investimento em ativos intangíveis, como patentes, procedimentos operacionais, *know-how* específico ou marcas, cujo valor é, por definição, altamente idiossincrático e dificilmente transferível entre empresas. **Na presença deste tipo de custos, a decisão de contratar ou despedir trabalhadores deixa de responder de forma contínua às variações da procura agregada.** As empresas apenas contratam quando o aumento da procura gera um acréscimo esperado de receita suficientemente elevado para compensar os custos fixos de contratação, e apenas despedem quando as perdas associadas à manutenção do emprego superam os custos do despedimento. Este

comportamento leva a **zonas de inação**, em que as empresas não reagem a choques de pequena magnitude, seguidas de reações abruptas quando certos limiares são ultrapassados. O mesmo raciocínio se aplica às decisões de investimento.

Está, também, bem documentado na literatura que a incerteza quanto à evolução futura da procura agregada amplifica os efeitos de histerese associados à presença de custos fixos de ajustamento do emprego e do capital físico. Em contextos de elevada incerteza, as empresas tendem a adiar decisões de contratação e de investimento, mesmo quando as condições presentes o justificariam, agravando os efeitos de choques recessivos e prolongando a recuperação económica.

Não obstante a evidência empírica sugerir que os efeitos de histerese no emprego são mais fortes em países com mercados de trabalho rígidos, após uma recessão as políticas de recuperação da procura devem ter prioridade sobre medidas que visem aumentar a flexibilidade do mercado de trabalho. Na verdade, instituições como a legislação de proteção ao emprego ou os subsídios de desemprego, podem, quando bem calibradas, estabilizar a economia, oferecendo previsibilidade e segurança aos agentes e fomentando a manutenção do emprego durante períodos de instabilidade. Pelo contrário, o seu enfraquecimento aumenta a incerteza, inibe decisões de contratação e investimento, podendo agravar a histerese. Este argumento adquire especial relevância quando a **taxa de juro de referência do banco**

central está próxima do limite inferior zero (zero lower bound). Nestas circunstâncias, a política orçamental assume um papel ainda mais central, e os mecanismos automáticos de estabilização criados pelas instituições do mercado de trabalho referidas tornam-se especialmente importantes. Acresce, que a desregulamentação do mercado de trabalho pode, ainda, induzir um padrão de crescimento excessivamente intensivo em mão-de-obra de baixo custo, e por isso pouco qualificada, o que, a médio e longo prazo, tende a penalizar o crescimento da produtividade do trabalho e a limitar a capacidade de inovação. Além disso, este tipo de medidas não tem impacto sobre os custos de ajustamento associados ao capital físico e intangível, que constituem uma fonte importante de histerese, nem resolvem o problema estrutural da pró-ciclicidade do investimento privado em investigação e desenvolvimento (I&D), crucial para o progresso tecnológico e o crescimento sustentado.



A histerese está, ainda, associada à **depreciação do capital físico**, que ocorre devido à diminuição do seu grau de utilização e à reduzida motivação das empresas para efetuarem a sua adequada manutenção em períodos de recessão. Na fase de recuperação da economia, as empresas dispõem de um menor stock de capital produtivo, o que **condiciona a expansão da produção e a contratação dos trabalhadores anteriormente despedidos, dificultando o retorno à situação inicial.**

Do lado da oferta de trabalho, a presença de histerese na dinâmica do emprego e do desemprego pode ser racionalizada através de duas teorias fundamentais: a teoria da depreciação do capital humano, e a teoria dos *insiders-outsiders*. Estas teorias indicam que a histerese pode ser explicada pela existência de barreiras e dificuldades que os trabalhadores enfrentam ao tentar reintegrar-se no mercado de trabalho após um período de desemprego, mesmo na fase de recuperação da economia.

A **teoria da depreciação do capital humano** enfatiza que o desemprego prolongado tem efeitos duradouros e negativos sobre a força

de trabalho, resultando na persistência de taxas de desemprego elevadas. Efetivamente, os despedimentos acarretam a perda da oportunidade para os trabalhadores manterem e atualizarem as suas competências por meio de formação no local de trabalho, resultando na gradual depreciação do seu capital humano. A perda de competências associada ao desemprego é exacerbada pelo progresso tecnológico. **O desemprego de longa duração estigmatiza, assim, os trabalhadores, diminuindo as suas perspetivas de empregabilidade.**

A **teoria dos *insiders-outsiders*** sustenta que os trabalhadores com contratos protegidos por custos de *turnover* (*insiders*) detêm maior poder negocial face aos recém-contratados (*outsiders*), influenciando salários e produtividade. Choques negativos transitórios levam à dispensa prioritária dos *outsiders* e, em choques mais intensos, de alguns *insiders*, aumentando a produtividade marginal dos remanescentes. Na recuperação, **a pressão salarial dos *insiders* remanescentes restringe a contratação de *outsiders*, gerando efeitos persistentes na taxa de desemprego mesmo após a normalização da procura agregada.**

3. AS CONSEQUÊNCIAS TEÓRICAS E PRÁTICAS DA EXISTÊNCIA DE HISTERESE

A existência de histerese associada à dinâmica do emprego do desemprego e do investimento tem importantes consequências teóricas e práticas. Na presença de histerese não existe um valor de equilíbrio de longo prazo único e pré-determinado para o nível de emprego ou para a taxa de desemprego. Pelo contrário, **os seus valores de equilíbrio podem ser alterados de forma permanente na sequência de choques** (positivos ou negativos) de significativa dimensão ou pelas políticas macroeconómicas, incluindo as monetárias. Os mecanismos de histerese não se limitam à

perpetuação dos efeitos negativos de choques adversos; também podem operar no sentido inverso, consolidando os efeitos positivos de choques expansionistas. Portanto, quando se verifica a presença de histerese, para atenuar o impacto de choques negativos significativos que ocorram do lado procura, mesmo aqueles que são percebidos como temporários, recomenda-se a implementação atempada e continuada de **políticas monetárias e orçamentais** consideravelmente **expansionistas**. Neste contexto, **o papel da política monetária e orçamental vai muito além da mera possibilidade de acelerar a suposta tendência que as economias apresentam para uma situação de equilíbrio, que seja independente do que acontece durante o ciclo económico**. As políticas macroeconómicas têm capacidade de produzir efeitos duradouros sobre a economia, alterando o próprio valor de equilíbrio do desemprego, emprego, stock de capital, e por inerência do produto da economia.

Sugestões de leitura

- Arestis, P., and Sawyer, M. (2009). "Path Dependency and Demand-Supply Interactions," in *Macroeconomics Analysis*. In *Path Dependency and Macroeconomics*, edited by P. Arestis and M. Sawyer, 1-36. Palgrave Macmillan. London
- Ball, L. (2009). "Hysteresis in Unemployment: Old and New Evidence." NBER Working Papers, 14818.
- Belke, A., and Göcke, M. (2001). "Exchange Rate Uncertainty and Play Nonlinearity in Aggregate Employment." *International Advances in Economic Research*, 7 (1): 38-50
- Blanchard, O., and Summers, L. (1987). 'Hysteresis in Unemployment.' *European Economic Review*, 31: 288-295.
- Blanchard, O., e Summers, L. (1986). 'Hysteresis and the European Unemployment Problem.' *NBER Macroeconomics Annual*, 1: 15-78
- Cerra, V. Fatas, A., e Saxena, S. (2023). "Hysteresis and Business Cycles." *Journal of Economic Literature*, 61 (1): 181-225.
- Cross, R., Darby, J., Ireland, J., e Piscitelli, L. (2005). "Hysteresis and Unemployment: A Preliminary Investigation," in G. Bertotti and I. Mayergoyz (eds.), *The Science of Hysteresis*, Vol. 1. San Diego: Academic Press: 667-699.
- Dixit, A. (1992). "Investment and Hysteresis." *Journal of Economic Perspectives* 6 (1): 107-132.
- Dosi, G., Pereira, M., Roventini, A., e Virgillito, M. (2018). "Causes and Consequences of Hysteresis: Aggregate Demand, Productivity, and Employment." *Industrial and Corporate Change*, 27 (6): 1015-1044
- Lindbeck, A., and Snower, D. (1988). *The Insider-Outsider Theory of Employment and Unemployment*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Mota, P. (2024). "Aggregate Demand Uncertainty Outbreaks and Employment Hysteresis in G7 Countries." *Journal of Post Keynesian Economics*, 47 (4): 707-738.
- Mota, P., e Vasconcelos, P. (2022). "Hysteresis and Sources of Aggregate Employment Inertia." *Studies in Nonlinear Dynamics*, 26(1): 137-154
- Pissarides, C. (1992). "Loss of Skill During Unemployment and Persistence of Employment Shocks." *Quarterly Journal of Economics*, 107 (4): 1371-1391.
- Setterfield, M. (2009). "Path Dependency, Hysteresis and Macrodynamics." In *Path Dependency and Macroeconomics*, edited by P. Arestis and M. Sawyer, 37-79. Palgrave Macmillan. London.

O FIM DA RESILIÊNCIA RUSSA?



ESCRITO POR
HUGO BASTOS

Desde a invasão russa à Ucrânia, em fevereiro de 2022, o **Kremlin resistiu ao peso de severas sanções comerciais e do isolamento financeiro imposto pelos governos ocidentais**. Aliás, contrariamente às previsões de muitos analistas, não só resistiu, como prosperou nas principais métricas económicas.

A Rússia construiu uma economia de guerra funcional, na qual a **injeção de capital na indústria militar sustentou níveis historicamente baixos de desemprego [1], aumentou os salários reais [2] e impulsionou o crescimento do PIB [3]**, superando a maioria das grandes economias europeias. Por conseguinte, o Kremlin aparentava ser imune às pressões económicas impostas pelos Aliados.

As receitas de petróleo e gás natural continuaram a financiar de forma crítica o esforço militar russo. Desde o início da guerra, a Rússia arrecadou mais de 900 mil milhões de dólares, dos quais cerca de 230 mil milhões vieram de países que formalmente impuseram sanções, na sua maioria Estados-Membros da União Europeia [4]. Durante mais de dois anos,

os europeus continuaram a importar gás russo canalizado pela Ucrânia até à cessação definitiva do trânsito em janeiro de 2025, com o fim do acordo de trânsito assinado em 2019 entre a Gazprom e a Naftogaz [5].

Em 2022, a Europa dependia da Rússia para cerca de 27% do petróleo, 50% do carvão e 45% do gás natural que consumia [6]. Mesmo após os primeiros pacotes de sanções energéticas, enquanto os Estados Unidos e o Reino Unido proibiram diretamente as importações, a União Europeia manteve dependências estruturais. Países como Áustria, Eslováquia, Hungria, Bulgária e Chequia obtiveram isenções parciais devido à sua forte



[1] Trading Economics. (2025). Russia — Unemployment rate. Retrieved from <https://tradingeconomics.com/russia/unemployment-rate>

[2] Trading Economics. (n.d.). Russia — Wage growth. Retrieved from <https://tradingeconomics.com/russia/wage-growth>

[3] Trading Economics. (n.d.). Russia — GDP annual growth rate. Retrieved from <https://tradingeconomics.com/russia/gdp-growth-annual>

[4] BBC News Portuguese. (2025). [Article in Portuguese]. Retrieved from <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx2qey70xego>

[5] European Commission, Directorate-General for Energy. (2024). End of transit via Ukraine – Information from the conclusions of the Commission's assessment (Ref. e8a46964-f29b-44f8-9410-689f9e34463b). Retrieved from https://energy.ec.europa.eu/document/download/e8a46964-f29b-44f8-9410-689f9e34463b_en

[6] European Commission. (2025, June 17). REPowerEU: Affordable, secure and sustainable energy for Europe. Retrieved from https://commission.europa.eu/topics/energy/repowereu_en

exposição energética. Além disso, as sanções iniciais não abrangiam produtos refinados, permitindo que **combustíveis russos continuassem a chegar aos mercados europeus** via refinarias na Turquia, Bielorrússia e Índia.

Paralelamente, o Kremlin reorientou o seu foco de mercado para a Ásia, consolidando-se como fornecedor estratégico das principais economias orientais. Em setembro de 2025, a China e a Índia absorveram mais de 80% das exportações russas de combustíveis fósseis [7]. **Esta reconfiguração geográfica permitiu ao Kremlin amortecer parcialmente o impacto das sanções ocidentais e preservar as receitas cruciais nos primeiros anos de guerra, sustentando uma relativa estabilidade macroeconómica.**

Com o prolongar do conflito, porém, essa estabilidade revelou-se limitada. A aceleração da inflação ao longo de 2024 [8] levou o Banco Central da Rússia a adotar uma política monetária agressiva, ao elevar a taxa diretora progressivamente de **16% em julho de 2024 para 21% em outubro de 2024**, que se manteve até maio de 2025 [9], numa **tentativa de estabilizar a moeda.**

Combinadas com controlos de capitais rigorosos, as medidas resultaram numa valorização de 28% do rublo em termos anuais [10], afetando as exportações e agravando o impacto da queda dos preços internacionais do

crude. Segundo o Centre for Research on Energy and Clean Air (CREA), **as receitas orçamentais russas provenientes de combustíveis fósseis caíram 26% em setembro de 2025 face a 2024, o nível mais baixo desde o início da invasão.**

Apesar da deterioração das receitas energéticas, Moscovo intensificou o investimento público militar perante um exército ucraniano cada vez melhor equipado e apoiado pelos seus aliados. Esta despesa, projetada para 6,3% do PIB em 2025 [11], é a mais elevada desde a queda da União Soviética, e um terço do orçamento federal.

Embora a inflação tenha abrandado nos meses seguintes, descendo consecutivamente nos últimos cinco meses para 8,1%, **a política monetária restritiva abrandou também a atividade económica, o que alimentou receios de recessão.** Assim, o Banco Central iniciou cortes graduais das taxas de juro a partir da primavera, mesmo com a inflação ainda muito acima da meta oficial, evidenciando o dilema entre estabilidade de preços e estímulo ao crescimento, e a prioridade pelo último.

Sem acesso aos mercados internacionais de capitais e com limites internos de endividamento cada vez mais restritivos, **o governo passou a liquidar ativos do Fundo Nacional de Riqueza**, já tendo consumido cerca de 60% do seu componente líquido desde 2022 [12]. Com as reservas a encolher e

[7] Centre for Research on Energy and Clean Air. (2025, October 14). September 2025 — Monthly analysis of Russian fossil fuel exports and sanctions. Retrieved from <https://energyandcleanair.org/september-2025-monthly-analysis-of-russian-fossil-fuel-exports-and-sanctions>

[8] Trading Economics. (n.d.). Russia — Inflation rate (CPI). Retrieved from <https://tradingeconomics.com/russia/inflation-cpi>

[9] Trading Economics. (n.d.). Russia — Interest rate. Retrieved from <https://tradingeconomics.com/russia/interest-rate>

[10] Trading Economics. (n.d.). Russia — Currency. Retrieved from <https://tradingeconomics.com/russia/currency>

[11] Reuters. (2024, September 30). Russia hikes 2025 defence spending by 25% to a new post-Soviet high. Retrieved from <https://www.reuters.com/world/europe/russia-hikes-national-defence-spending-by-23-2025-2024-09-30/>

a **pressão orçamental a aumentar**, Vladimir Putin anunciou no verão de 2025 um novo pacote fiscal, que incluiu o aumento do IVA de 20% para 22% e a criação de taxas adicionais sobre setores de elevada rentabilidade e indivíduos de maior rendimento [13].

Neste cenário de crescente fragilidade económica, a Ucrânia intensificou as suas ofensivas e, com recurso a drones de longo alcance e mísseis de precisão, Kiev atingiu pelo menos 16 das 30 refinarias russas desde agosto. Foi temporariamente afetada entre 15% e 25% [14] da capacidade nacional de refinação, o que reduziu a produção interna de combustíveis em cerca de 10%, **pressionando os preços e forçando cortes nas exportações de gásóleo e gasolina**.

Por sua vez, perante a escalada dos preços internos, o **governo decidiu impor tetos máximos aos combustíveis**. A medida teve o efeito inverso: **gerou escassez generalizada, longas filas nos postos e racionamento em regiões como a Crimeia, a Sibéria e o Extremo Oriente Russo** [15]. Em compensação, Moscovo intensificou as importações de gasolina e gásóleo da Bielorrússia [16], que quadruplicaram em setembro face a agosto, e começou a avaliar a possibilidade de ampliar as compras a países como a China, a Coreia do Sul e

Singapura, além de suspender temporariamente algumas tarifas de importação sobre a gasolina [17]. **Apesar de normalizar o abastecimento, a solução implica custos públicos acrescidos e agrava a pressão sobre o orçamento e a inflação interna já elevada**.

Os ataques ucranianos à infraestrutura energética russa, embora taticamente eficazes, não alteram de forma substancial o cálculo estratégico do Kremlin, que respondeu com bombardeamentos semelhantes em território ucraniano [18]. Esta abordagem, já usada em invernos anteriores, procura fragilizar a resiliência civil durante os meses frios, refletindo a determinação e a inflexibilidade do governo de Vladimir Putin. Ainda assim, a verdadeira vulnerabilidade russa não reside nas linhas da frente, mas no plano económico-social. O Kremlin enfrenta o esgotamento progressivo dos seus instrumentos de política económica, limitado pela inflação persistente, pela erosão das reservas e pela pressão de um orçamento militar cada vez mais pesado.

Mais do que uma crise terminal, trata-se de um **desgaste estrutural**. E é nesse ponto de viragem, quando o sacrifício temporário se transforma numa privação prolongada, que regimes autoritários tendem a revelar as suas maiores fragilidades.

[12] Trading Economics. (n.d.). Russia — National Wealth Fund liquid assets. Retrieved from <https://tradingeconomics.com/russia/national-wealth-fund-liquid-assets>

[13] The Moscow Times. (2025, October 7). More taxes for more war: Unpacking Russia's 2026 budget. Retrieved from <https://www.themoscowtimes.com/2025/10/07/more-taxes-for-more-war-unpacking-russias-2026-budget-a90736/>

[14] Carnegie Endowment for International Peace. (2025, October 3). Have Ukrainian drones really knocked out 38% of Russia's oil refining capacity? Retrieved from <https://carnegieendowment.org/russia-eurasia/politika/2025/10/russia-refinery-damages?lang=en>

[15] BBC. (2025, October 3). Ukraine has dramatically increased the number of attacks launched against Russian oil refineries in recent months, sparking fuel shortages and price rises in some parts of the country, BBC Verify and BBC Russian have found. Retrieved from <https://www.bbc.com/news/articles/czx020k4056o>

[16] Reuters. (2025, October 7). Belarus ramps up fuel exports to gasoline-thirsty Russia. Retrieved from <https://www.reuters.com/business/energy/belarus-ramps-up-fuel-exports-gasoline-thirsty-russia-2025-10-07/>

[17] S&P Global Commodity Insights. (2025, October 3). China may supply gasoline to Russia if import duties drop, tightening regional supply. Retrieved from <https://www.spglobal.com/commodity-insights/en/news-research/latest-news/refined-products/100325-china-may-supply-gasoline-to-russia-if-import-duties-drop-tightening-regional-supply>

[18] Reuters. (2025, October 10). Russia strikes Ukraine dwellings, targets energy sites in mass attack. Retrieved from <https://www.reuters.com/world/russia-strikes-ukraine-dwellings-targets-energy-sites-mass-attack-2025-10-10/>

O DECOUPLING ENTRE O CRESCIMENTO ECONÓMICO E A VALORIZAÇÃO DOS ATIVOS



Nas últimas décadas, tornou-se crescente a **distância entre o desempenho das economias avançadas e a valorização dos seus ativos**. Enquanto os principais índices bolsistas registam máximos históricos e o valor dos ativos imobiliários e auríferos aumenta, o crescimento económico mantém-se moderado. Esta dissociação desafia a **correlação histórica entre a valorização dos ativos e o vigor da economia real, sugerindo a formação de uma estrutura financeira mais autónoma face à produção, ao investimento e ao rendimento do trabalho**.

Nos Estados Unidos, entre 2010 e 2024, o índice S&P 500 valorizou mais de 300% [1], enquanto o PIB real aumentou cerca de 40% [2]. No mesmo período, a produtividade total dos fatores cresceu apenas 1% ao ano, muito abaixo das taxas observadas nas décadas do pós-guerra [3]. O rácio preço-lucro (P/E) passou de uma média histórica próxima de 17 para valores superiores a 30 [4]. **A expansão bolsista não reflete apenas expectativas de crescimento, mas sobretudo condições financeiras excecionalmente favoráveis que comprimiram o custo de capital e sustentaram avaliações elevadas.**

A atuação dos bancos centrais após a crise de 2008 e durante a pandemia explica parte substancial deste movimento. O prolongamento das taxas de juro próximas de zero e a adoção de programas de compra de ativos (*quantitative easing*) aumentaram de forma acentuada a **liquidez global**. Tal liquidez fomentou a procura por ativos, elevando as valorizações bolsistas e imobiliárias. Já o ouro, tradicional refúgio de períodos recessivos, atingiu máximos históricos em 2025, refletindo um contexto de **capital abundante e expectativas reticentes quanto ao futuro** [5].

Paralelamente, as práticas empresariais contribuíram para ampliar a distância entre finança e economia real. O volume de recompras de ações (*share buybacks*) aumentou substancialmente, acumulando vários biliões de dólares desde 2010 [6]. Estas operações, muitas vezes financiadas por dívida, reduzem o número de ações em circulação e elevam o lucro por ação, resultando num aumento do seu preço, sem implicar acréscimo de produtividade. Por sua vez, a indexação crescente da remuneração dos executivos ao preço das ações reforça incentivo a resultados

[1] Sibilis Research – Total Market Capitalization of U.S. Stocks
<https://sibilisresearch.com/data/us-stock-market-value/>

[2] U.S. Bureau of Economic Analysis (BEA) – Real Gross Domestic Product (Chained 2017 Dollars)
<https://www.bea.gov/data/gdp/gross-domestic-product>

[3] U.S. Bureau of Economic Analysis (BEA) – Integrated Productivity Accounts
<https://www.bea.gov/data/special-topics/integrated-productivity-accounts>

[4] Macrotrends. (2025). S&P 500 P/E Ratio – 90 Year Historical Chart. Macrotrends LLC. Retrieved from <https://www.multpl.com/s-p-500-pe-ratio>

[5] World Gold Council. (2025, 13 October). Gold hits US\$4,000/oz – trend or turning point? Retrieved from <https://www.gold.org/goldhub/gold-focus/2025/10/gold-hits-us4000oz-trend-or-turning-point>

[6] Roosevelt Institute. Palladino, L. & Lazonick, W. (2021). *Regulating Stock Buybacks: The \$6.3 Trillion Question* (Working Paper). Roosevelt Institute. Retrieved from https://rooseveltinstitute.org/wp-content/uploads/2021/04/RI_Stock-Buybacks_Working-Paper_202105.pdf

de curto prazo, em detrimento do investimento de longo prazo e da inovação.

Em 2024, as sete maiores empresas tecnológicas representavam de **75% dos ganhos do S&P 500** naquele ano [7]. O crescimento destas empresas é real e explica uma parte relevante da expansão dos mercados norte-americanos, mas é também concentrado: lucros e produtividade crescem em poucos setores. Como salientou Jason Furman, professor de Economia em Harvard, **apenas 4% do PIB norte-americano**, o valor total de investimento em equipamento e software de processamento de informação, **foi responsável por cerca de 92% do crescimento económico** no primeiro semestre de 2025, enquanto o PIB excluindo essa categoria praticamente não cresceu. Em paralelo, **a bolsa manteve-se em máximos**, mesmo com sinais de abrandamento do mercado de trabalho, **contrariando a correlação histórica entre emprego e desempenho bolsista**.

A União Europeia apresenta um quadro distinto, mas convergente no resultado. O PIB cresce em torno de 1% ao ano e a produtividade total dos fatores permanece estagnada. Apesar deste desempenho modesto, os mercados imobiliários registam uma valorização contínua, com aumentos expressivos no preço das habitações e das rendas em praticamente todos os Estados-Membros. Entre 2010 e 2024, o preço médio das habitações na UE aumentou cerca de 55%

e as rendas 27% [8]. De acordo com a Comissão Europeia, **o mercado português está entre os mais sobrevalorizados da União**, num contexto de salários comedidos.

Parte deste movimento explica-se por fatores reais, como a **escassez de oferta, urbanização e procura externa**, embora haja também um componente financeiro. **As taxas de juro próximas de zero e a abundância de liquidez desviaram parte do investimento para o imobiliário**, que passou a funcionar também como reserva de valor e veículo de rendimento financeiro, mais do que apenas como bem de uso [9]. Nessa medida, o aumento do valor patrimonial não reflete um acréscimo de produtividade ou rendimento, mas a **valorização financeira de um ativo escasso**.

O caso britânico evidencia possíveis implicações estruturais deste padrão. Desde a desregulação financeira de 1986, conhecida como Big Bang [10], Londres consolidou-se como um dos maiores centros financeiros mundiais. A liberalização do setor atraiu



[7] The tech-driven bull market.” Retrieved from <https://www.axios.com/2024/06/21/tech-bull-market>

[8] Eurostat (2025). House prices and rents went up in Q4 2024 Retrieved from <https://ec.europa.eu/eurostat/web/products-eurostat-news/w/ddn-20250408-1>

[9] Rusnák, M., Havránek, T., & Horváth, R. (2023). House prices and ultra-low interest rates: Exploring the non-linear relationship (ECB Working Paper No. 2789). European Central Bank. <https://doi.org/10.2866/998411>

[10] Investopedia. (2024). Big Bang (financial deregulation). Retrieved from <https://www.investopedia.com/terms/b/bigbang.asp>

capital global e serviços especializados, mas coexistiu com o declínio da manufatura e do investimento industrial fora da capital. **A participação da indústria transformadora no PIB britânico passou de cerca de 30% na década de 1970 para menos de 10% em 2024, e as disparidades regionais tornaram-se mais pronunciadas [11].** A valorização de ativos e os ganhos financeiros concentraram-se em Londres, onde se registam níveis de produtividade e rendimento muito superiores aos do resto do país. Hoje discutem-se efeitos semelhantes aos de uma “doença holandesa”: a expansão do setor financeiro valorizou a libra, atraiu talento e capital para Londres e encareceu os custos relativos da produção industrial, enfraquecendo a competitividade das restantes regiões. Como observam Baker, Epstein e Montecino (2018), “the UK economy may have performed much better in overall growth terms if (...) its financial sector was smaller; (...) if finance was more focused on supporting other areas of the economy rather than trying to act as a source of wealth generation in its own right” [12]. O crescimento, embora real, reforça hierarquias



espaciais e sociais, aprofundando a periferização das regiões e classes menos integradas na economia financeira, com todos os efeitos sociais daí decorrentes.

Em termos agregados, a dissociação entre finanças e economia real traduz-se em mudanças na alocação de capital e na estrutura distributiva. Estas ocorrem num contexto de capital abundante e de custos de financiamento historicamente baixos, sugerindo uma deslocação do investimento produtivo para aplicações financeiras e imobiliárias. Em paralelo, a concentração de ativos nas camadas de rendimento mais elevadas reforça a desigualdade patrimonial e reduz a mobilidade social. A análise comparativa destes casos permite observar um padrão comum: a valorização dos ativos financeiros e imobiliários afastou-se da produtividade e do rendimento médio, refletindo uma transformação estrutural no funcionamento das economias avançadas.

A compreensão deste fenómeno exige, portanto, uma leitura produtiva da economia. O crescimento sustentado continua a depender da acumulação de conhecimento, da difusão tecnológica e do investimento em capacidade produtiva. Contudo, a tendência recente indica uma **deslocação do capital dessas funções para a valorização de ativos já existentes.** O resultado concretiza-se numa economia de **valorização nominal**, injusta para os mais pobres, onde o preço dos ativos cresce mais rapidamente do que a produção e o rendimento.

[11] Wang, Y., Yang, Z., & Xin, Z. (2023, November 21). Characteristics of Chinese Lottery Consumers' Financial Literacy and its Relationship with Problem Lottery Gambling. *Journal of Gambling Studies*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s10899-023-10267-2>

[12] Becchetti, L., Bellucci, D., & Rossetti, F. (2018). Gamblers, scratchers and their financial education. *Economia Politica: Journal of Analytical and Institutional Economics*, 35(1), 127-162. <https://doi.org/10.1007/s40888-017-0091-1>



A EVOLUÇÃO DO SECTOR TÊXTIL PORTUGUÊS

O setor da Indústria têxtil e de vestuário é um dos mais emblemáticos e resilientes da economia nacional, constituindo um bom exemplo de transformação industrial bem-sucedida. Portugal destaca-se como sendo um dos poucos países da União Europeia que manteve a sua indústria têxtil, escolhendo um caminho de **inovação, qualidade e sustentabilidade** e tornando o “**Made in Portugal**” uma verdadeira referência de excelência.

A produção têxtil em Portugal tem raízes que remontam à Idade Média, com fabricação artesanal de tecidos de linho e lã. Os principais polos de produção estavam localizados no Minho, na Beira e no Alentejo, regiões onde as condições climáticas e geográficas favoreciam a produção de fibras naturais.

Durante os Descobrimentos, a produção têxtil adquiriu uma dimensão estratégica imperial, sendo exportada para as colónias portuguesas e mercados europeus. Contudo, a produção nacional permanecia limitada às fibras e tecidos de qualidade inferior, como o linho, lã e alguma seda, revelando as limitações estruturais do setor.

Já no século XVII, devido ao défice crónico da balança comercial portuguesa causado pela onda mercantilista na Europa, foram criadas as “Leis Pragmáticas”. Entre estas, a Lei Pragmática de 1777 proibia a importação de produtos de luxo, criando assim um mercado cativo para a produção nacional. Durante os quatro anos de proteção Pragmática, os resultados foram notáveis: as fábricas nacionais conseguiram suprir panos para todo o reino e territórios ultramarinos, vestindo as tropas e até exportando produtos [1].

Em 1703, com a assinatura do Tratado de Methuen, houve uma viragem radical no setor, uma vez que ficou acordado que Portugal compraria lanifícios ingleses em troca do acesso privilegiado dos vinhos portugueses ao mercado britânico. Este acordo comercial provocou o gradual abandono da produção nacional, destruindo as manufaturas criadas. Só na segunda metade do século XVIII, com o Marquês de Pombal, é que se retomou a política têxtil nacional através de uma estratégia mercantilista. O programa pombalino estabeleceu cerca de duzentas fábricas, criando a primeira rede estatal de produção têxtil europeia [1].

[1] Costa, M. P. da (2004). Tecidos e têxteis portugueses do século XVII ao século XVIII. In IV Congresso Histórico de Guimarães - Do Absolutismo ao Liberalismo (pp. 145-170). <https://chi.guimaraes.pt/actas/4CH/5sec/4ch-5sec-006.pdf>

Na época do Estado Novo (1933-1974), a indústria têxtil portuguesa desenvolveu-se num ambiente protecionista através do sistema de condicionamento industrial, que exigia autorização governamental para criar unidades fabris. **O regime garantiu mercados cativos através da integração com o império colonial e proteção alfandegária, concentrando a produção no Norte do país e beneficiando de custos laborais baixos e estabilidade social.** Contudo, este modelo protecionista criou limitações estruturais: **falta de modernização tecnológica, baixa competitividade internacional e dependência dos mercados coloniais** [2].

Após o 25 de Abril de 1974, a indústria têxtil portuguesa atravessou um período turbulento marcado por nacionalizações e instabilidade social, seguido de uma profunda reestruturação devido à integração europeia e à crescente concorrência global. O setor

enfrentou um declínio estrutural a partir dos anos 90, perdendo competitividade face à concorrência asiática e do leste europeu com o fim das proteções comerciais. Contudo, conseguiu recuperar parcialmente através da especialização em produtos de alta qualidade e sustentabilidade.

Atualmente, apesar de manter uma posição relevante na economia nacional, o setor têxtil enfrenta novos desafios com a concorrência da fast-fashion, registando um aumento significativo de insolvências e despedimentos [3]. Perante este cenário, Portugal tem procurado responder a esta crise apostando na **especialização em têxteis técnicos sustentáveis e materiais eco-friendly**, numa estratégia orientada para a inovação e diferenciação em segmentos de maior valor acrescentado. Esta aposta revela-se essencial para garantir a competitividade e a sustentabilidade futura do setor têxtil nacional.



[2] Pinheiro, E. C. (s.d.). Breve contextualização histórica da indústria de lanifícios na Beira Interior. Universidade NOVA de Lisboa. https://research.unl.pt/ws/portalfiles/porta/5471150/Lanif_na_Beira_Interior_IHC.pdf

[3] Fashion Network. (2025, 9 de setembro). Textile and clothing sector calls for urgent measures in Portugal. Fashion Network. <https://dk.fashionnetwork.com/news/Textile-and-clothing-sector-calls-for-urgent-measures-in-portugal,1762773.html>

CONCEITO ECONÓMICO ESPECULAÇÃO



ESCRITO POR
AFONSO AZEVEDO

O conceito de especulação ocupa um papel central na arquitetura contemporânea dos sistemas financeiros e económicos. Embora o termo seja frequentemente associado a comportamentos de risco excessivo ou moralmente questionáveis, numa perspetiva analítica e positiva, a especulação pode ser entendida como a **ação de agentes económicos que procuram auferir lucros a partir das variações de preços dos ativos, em vez de o fazerem com base no seu valor intrínseco ou no seu desempenho de longo prazo** [1].

A especulação manifesta-se em múltiplos mercados e instrumentos financeiros, como ações, títulos de dívida, matérias-primas e derivados, refletindo a **diversidade de estratégias de curto prazo presentes no sistema financeiro global**. O especulador, por conseguinte, não está necessariamente interessado na utilidade económica do ativo ou na geração de rendimento direto, mas sim na expectativa de que as flutuações de preços lhe permitam obter ganhos de capital [1].

As operações especulativas podem decorrer tanto em contextos de valorização como de desvalorização dos ativos. No primeiro caso, o agente compra o ativo esperando que o seu preço suba para depois o revender com lucro; no segundo, realiza operações de short selling, beneficiando de uma eventual queda no preço.

Sob certas condições, esta atividade pode trazer benefícios relevantes aos mercados. A especulação contribui, por exemplo, para a liquidez dos mercados, dado que os especuladores assumem riscos e fornecem contrapartes a outros participantes, permitindo maior fluidez nas transações. Além disso, ao tolerarem maiores níveis de incerteza, os especuladores podem favorecer empresas emergentes ou ativos de risco mais elevado, promovendo a inovação financeira.



Contudo, os efeitos negativos da especulação são amplamente reconhecidos e têm sido objeto de preocupação académica e regulatória. Um dos principais riscos é o desalinhamento entre o preço de mercado e o valor fundamental do ativo, situação que pode levar à formação de bolhas especulativas.

[1] Hull, J. (2012). Options, Futures, and Other Derivatives, Global Edition. Pearson.

[2] Mishkin, F. S., & Eakins, S. G. (2018). Financial Markets and Institutions, Global Edition.

Tais bolhas surgem quando o aumento do preço é sustentado não por fundamentos económicos, mas pela expectativa generalizada de que os preços continuarão a subir. Quando a confiança dos participantes se dissipa, as correções de mercado tendem a ser abruptas e podem gerar crises e instabilidade financeira. [2]

Um exemplo elucidativo dos potenciais efeitos adversos da especulação pode ser encontrado no mercado habitacional. Neste contexto, os especuladores adquirem imóveis não com o propósito de utilizá-los como habitação ou de obter rendimentos de arrendamento, mas com a expectativa de valorização futura [2]. Cada habitação comprada com esta finalidade é, temporariamente, retirada do mercado habitacional ativo, reduzindo a oferta disponível para fins residenciais. **À medida que este comportamento se generaliza, os preços das casas aumentam significativamente, ultrapassando o poder de compra das famílias e comprometendo o acesso à habitação.**

Em suma, a especulação constitui uma força ambígua nos mercados financeiros: simultaneamente essencial e potencialmente destrutiva. A sua presença é inevitável em economias de mercado avançadas, mas a sua regulação e compreensão crítica são fundamentais para garantir que o dinamismo especulativo não se converta em instabilidade económica prolongada.

[2] Mishkin, F. S., & Eakins, S. G. (2018). Financial Markets and Institutions, Global Edition.

CONCEITO ECONÓMICO

DEPENDÊNCIA DE TRAJETÓRIA



Dependência de trajetória é um conceito usado em várias áreas, incluindo na economia, ciência política, sociologia e gestão. Descreve situações em que as decisões e resultados presentes são fortemente condicionados por escolhas e acontecimentos passados, mesmo que essas condições iniciais já não sejam as mais eficientes ou racionais no presente.

Um exemplo clássico é a história do teclado QWERTY. Apesar de existirem inúmeras opções de configurações de teclado, por uma variedade de fatores inicialmente os teclados QWERTY dominaram o mercado. Por sua vez, usar outro teclado requer aprender a digitar de novo.

Isto significou que **à medida que mais pessoas compraram um teclado QWERTY, o teclado ganhou utilidade ou valor comparativamente a outros, visto que a cada compra existe mais uma pessoa que o sabe usar**. Apesar de existirem alternativas mais eficientes a este teclado, como o teclado DVORAK onde, em média, é possível digitar 4% mais rápido, **empregadores e utilizadores não estão dispostos a passar pelo processo de adaptação para usufruirmos de melhores alternativas como esta** [1]. Assim, simples acontecimentos passados reforçados por rendimentos crescentes à escala explicam a predominância dos teclados QWERTY na atualidade [2].

Existem diversos fatores que podem determinar ou causar dependência de trajetória, tais como: irreversibilidade física/material e humana, questões tecnológicas, questões psicológicas, incerteza, instituições e até mesmo poder [3]. No entanto, a análise da dependência de trajetória é especialmente útil nos “setores da economia que estão sujeitos em grande medida a retornos crescentes (increasing returns) que produzem processos de feedback positivo ou auto reforço (self-reinforcing processes).” Nestes mercados, em vez de as diferentes opções no mercado competirem até chegarem ao seu equilíbrio natural, uma das opções, por ser alvo de vantagens temporárias, é repetidamente reforçada até dominar todo o mercado [4].

O mercado energético russo é um ótimo exemplo de como decisões passadas e estruturas herdadas moldam fortemente o presente e limitam alternativas futuras. A Rússia já dispõe de infraestruturas orientadas para a extração e distribuição de recursos energéticos como petróleo, carvão e gás. Logo, os custos de adaptação da infraestrutura são elevadíssimos e desincentivam qualquer alteração no setor [5]. As instituições russas e orçamento público estão fortemente dependentes das receitas das exportações destes recursos o que, por sua vez, desincentiva o investimento em outros setores e diversificação económica, perpetuando o efeito lock-in.

A análise da **dependência de trajetória** é essencial para melhor compreender as circunstâncias atuais tanto a nível microeconómico, explicando como algumas tecnologias ou métodos produtivos são predominantes (como o teclado QWERTY), como também a nível macroeconómico, tendo o potencial de explicar por que é que alguns países se industrializaram cedo e mantêm altos níveis de rendimento, enquanto outros ficaram presos em armadilhas de subdesenvolvimento ou têm dificuldades a diversificarem-se economicamente.

[1] West, L. J. (1998). The standard and Dvorak keyboards revisited: Direct measures of speed. Santa Fe Institute.

[2] Page, S. E. (2006). Path dependence. Quarterly Journal of Political Science, 1(1), 87–115. <https://doi.org/10.1561/100.000000006>

[3] Dutt, A. K. (2023). Hysteresis and path dependence in economic analysis: Formalizations, causes and implications. Review of Keynesian Economics, 11(1), 1–27.

[4] Bernardi, B. B. (2021). O conceito de dependência da trajetória (path dependence): Definições e controvérsias teóricas. Revista Perspectivas, 48(1), 1–19.

[5] Goldthau, A., & Sovacool, B. K. (2012). The uniqueness of the energy security, justice, and governance problem. Energy Policy, 41, 232–240. <https://doi.org/10.1016/j.enpol.2011.10.042>

SUGESTÃO DE LEITURA

"CONVERSA N'A CATEDRAL"

DE MARIO VARGAS LLOSA



ESCRITO POR
SALOMÃO PINTO

O AUTOR

Mario Vargas Llosa (1963-2025) é um dos grandes nomes da literatura da América do Sul e **vencedor do prêmio Nobel em 2010**. Escritor, jornalista e antigo candidato à presidência do Peru, Vargas Llosa construiu uma carreira caracterizada por uma **crítica incisiva às estruturas de poder económico, à corrupção e à degradação moral das sociedades latino-americanas**. A sua obra, para além do reconhecimento literário, também foi adaptada para o cinema: romances como *A Tia Júlia* e o *Escrevedor* (1977) deram origem a longas-metragens, que refletem o notável impacto cultural e político da sua escrita.



A OBRA

A obra "*Conversa n'A Catedral*" é um mergulho profundo na **alma política e social do Peru dos anos 50**, no decorrer do regime ditatorial de Manuel A. Odría. A narrativa desenrola-se a partir de uma longa conversa entre Santiago Zavala, um jornalista desencantado, e Ambrósio, antigo motorista de Zavala, num bar decadente de Lima chamado "A Catedral".

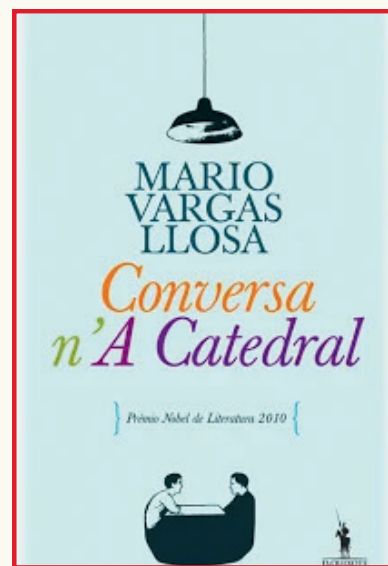
A escolha do cenário - **um espaço marginal e decadente** - reforça a ideia de que os agentes económicos neste sistema só encontram voz à margem, longe dos centros de decisão. A escolha do local da conversa não será accidental, uma vez que espelha a marginalidade de certos setores da sociedade, que não pertencendo às esferas de influência, veem o mérito e a sua individualidade negada.

Neste sentido, e a partir da alternância entre o momento da conversa e o passado das personagens, o autor compõe um retrato fragmentado e denso de uma nação em que o poder se exerce nos bastidores, e onde a esperança da população parece ter sido substituída pelo cinismo.

O romance não se restringe a denunciar o **autoritarismo político**, realça também, os alicerces invisíveis que sustentam o **regime**. Exemplo disto é o personagem Santiago, filho de uma família abastada, que representa a inquietação de quem cresceu rodeado de privilégios, embora sem encontrar liberdade nem propósito. A sua trajetória é marcada por ruturas com o pai, amigo próximo da elite peruense, e pela rejeição crescente dos valores que associa a essa ordem social.

Santiago abandona os estudos, afasta-se da família e ingressa na carreira de jornalismo, que se torna numa forma de sobrevivência na tentativa de não depender do seio familiar. Por outro lado, Ambrósio, antigo motorista da família, encarna os homens comuns envolvidos nas engrenagens do regime sem nunca as questionar abertamente, revelando como a passividade também contribui para a perpetuação do sistema.

Numa perspetiva atual, *Conversa n'A Catedral* permite compreender **como a falta de renovação política e social afeta as escolhas dos indivíduos e perpetua estruturas de exclusão**. Vargas Llosa expõe também como a degradação das instituições não se impõe meramente pela força e opressão, mas também pela aceitação quotidiana de parte da população.



ACONTECIMENTOS DO MÊS*

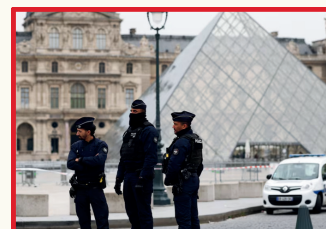
O MELHOR DO PIOR DO MÊS

*AVISO: ESTE CONTEÚDO INCLUI HUMOR.



Câmaras do Chega triplicam de 0 para 3. Talvez o melhor investimento seja encontrar 5 cêntimos na rua, com um ROI de 500%.

O preço do ouro caiu a pique, mas nada como as pedras preciosas. Em Paris até saem de graça.



Zohran Mamdani quer mercearias públicas e lidera nas sondagens em Nova Iorque. Quem diria que estatizar o pão é progresso, mas estatizar a saúde é comunismo.



Caros leitores,

É com muito gosto que apresentamos mais uma edição da newsletter da FEP Economics Society para 2025/2026.

Nesta edição reunimos reflexões sobre os acontecimentos políticos recentes, análises geopolíticas, temas ligados ao crescimento sustentável e uma viagem pela evolução económica portuguesa.

No campo da política económica, destacamos o contributo do Prof. Paulo Mota, que aprofunda os efeitos prolongados dos choques e as suas implicações para a formulação de políticas.

Incluímos também conceitos económicos essenciais para compreender melhor as fragilidades e mecanismos dos mercados, bem como uma sugestão de leitura que enriquece o olhar cultural dos nossos leitores com "Conversa n'A Catedral".

FEP Economics Society
Estudar, Educar e Debater Economia

Rita Cunha

PARCERIAS:

